

## VI



A primeira foto da reunião é de dois participantes importantes, solidários na véspera do pior: Oracy Nogueira e Castro Faria, acompanhados por suas famílias. As outras duas documentam sua face social, tão importante como a outra. Como dizia Eunice Durham, no noticiário da *Revista de Antropologia*: “Ao lado das reuniões científicas, a comissão organizadora estabeleceu um amplo programa social que contribuiu muito para manter a atmosfera de cordialidade que caracterizou o congresso”.

A Sexta Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em julho de 1963, em São Paulo, parece ter congregado um grande número de participantes, a julgar pela lista de trabalhos publicados na *Revista do Museu Paulista*. Era como se os antropólogos estivessem prevendo os longos anos em que a Associação ficaria mais ou menos entre parênteses, na esteira da revolução de 1964. Dez anos depois da Primeira Reunião, seus membros já tinham mortos a lamentar.

A Reunião foi aberta em sessão plenária na manhã do dia 8. O presidente saudou e prestou uma homenagem póstuma a Melville Herskovits e Alfred Métraux, que estiveram ligados à antropologia brasileira, e aos antropólogos brasileiros Cid Rebello Horta e Frederico Barata. Falaram em seguida os antigos presidentes da Associação, Thales de Azevedo, René Ribeiro e Luiz de Castro Faria, que discorreram sobre o estado atual da antropologia em seus respectivos estados. Encerrando a sessão, o índio Pó-Kró, da aldeia Kraô de Pedra Branca, saudou os presentes (Eunice Durham, "VI Reunião Brasileira de Antropologia", *Revista de Antropologia*, 11 (1/2), 1963).

Castro Faria, no seu balanço sobre esses primeiros dez anos, afirma, taxativo: “o Brasil precisa de etnólogos”. Os etnólogos brasileiros se formariam nos dez anos seguintes, no âmbito dos programas de pós-graduação, mas seu trabalho, infelizmente, não encontraria ressonância na Associação, quase paralisada nesse período. Etnólogos eram todos os membros da diretoria eleita em São Paulo e metade do conselho científico. A partir dessa reunião, o presidente que sai integra o conselho científico da nova gestão. Essa parece ter sido também a reunião na qual, timidamente, a antropologia visual fazia sua estréia, com a novidade da sessão sobre filmes etnográficos, organizada por Harald Schultz, do Museu Paulista.

Da esquerda para a direita:  
Peter Paul Hilbert e esposa,  
Roberto Da Matta, Julio  
César Melatti, alunos da pri-  
meira turma de pós-gradua-  
ção do Museu Nacional, a  
senhora Oracy Nogueira,  
Elza Faria, seu filho; em  
frente a eles, Castro Faria,  
Oracy Nogueira, Dolores  
Newton, um casal não Mus-  
solini e Maria Laís Mousi-  
nho Gúidi.





Da esquerda para a direita: Thales de Azevedo, Mariá Azevedo, Beatriz Ribeiro, o filho dela e de René Ribeiro, Margarida Moura (então Pourchet); na cabeceira da mesa, o presidente eleito, Eduardo Galvão, a seu lado William Crocker e, um pouco afastado, Protásio Frikel; do lado direito da mesa, Fróes da Fonseca e esposa, Peter Paul Hilbert e esposa e Dolores Newton.

DIRETORIA ELEITA — Presidente: Eduardo Galvão, diretor do Instituto Central de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, recém-criada; Secretário: Roberto Cardoso de Oliveira (Museu Nacional); Tesoureiro: Roque Laraia (Museu Nacional).

CONSELHO CIENTÍFICO — Aryon Rodrigues (Museu Nacional); Darcy Ribeiro (Universidade de Brasília); Egon Schaden (USP); Loureiro Fernandes (UFPR); Luiz de Castro Faria (Museu Nacional); Manuel

Diegues Junior (PUC/Rio); Protásio Friel (MPEG); René Ribeiro (UFPE); Thales de Azevedo (UFBA) e Herbert Baldus, ex-presidente.

A reunião não teve anais, mas a *Revista do Museu Paulista*, N.S., vol. 14, 1963, com a publicação dos trabalhos lá apresentados, cumpre bem a tarefa de registrá-la. Ver também “VI Reunião Brasileira de Antropologia”, *Educação e Ciências Sociais*, 10 (21), 1963, e o artigo citado de Eunice Durham.